



KnoWhy #310

Fevereiro 12, 2018



Por que Abinádi usava um disfarce para pregar?

“E aconteceu que, passados dois anos, Abinádi voltou para o meio deles disfarçado, de modo que não o reconheceram, e começou a profetizar entre eles”

Mosias 12:1

O conhecimento

Quando Abinádi pregou pela primeira vez o arrependimento ao povo do rei Noé, “enfureceram-se com ele e procuraram tirar-lhe a vida” (Mosias 11:26). Depois de ouvir as profecias de Abinádi, o rei Noé também tentou matá-lo, mas “o Senhor livrou-o das mãos deles” (v. 26). Dois anos depois, Abinádi novamente pregou ao povo, mas desta vez “voltou para o meio deles disfarçado, de modo que não o reconheceram” (Mosias 12:1). Irritado com as profecias de Abinádi de iminente cativeiro, aflição e destruição, o povo o prendeu e o trouxe diante do rei Noé para julgamento (vv. 1-9).

Alguns descobriram que o uso de um disfarce por Abinádi era bastante desconcertante, porque ele procurava esconder sua identidade e, ao mesmo tempo, pregar abertamente entre o povo. É possível que o disfarce fosse usado apenas para entrar na cidade e que, depois de estar entre o povo, ele não precisasse mais dele. No entanto, quando a história é

comparada a histórias bíblicas que também lidam com mensageiros proféticos, reis e disfarces, parece haver mais no disfarce de Abinádi do que inicialmente parece.

O estudioso bíblico Richard Coggins explicou que neste tipo de narrativa bíblica “uma pessoa se disfarça [...] mas o disfarce é descoberto e a vontade de Deus é transmitida de uma forma que é bastante inaceitável para o buscador”. Coggins também argumentou que o aparecimento de disfarces proféticos em várias histórias do Velho Testamento, todas do mesmo período histórico, “certamente não é mera coincidência”. Em vez disso, ao usar um disfarce para profetizar, “um ponto teológico está sendo feito”.



O rei Saul se disfarçou para conhecer a adivinha de Endor. Saul e a adivinha de Endor, de Johann Heinrich Fussli. Imagem via Wikimedia Commons
Essas histórias normalmente retratam uma disputa ou conflito entre Deus e um rei terreno. Como Alan Goff observou: “Todos os reis ou seus herdeiros nas histórias bíblicas em que se disfarçam se encontram com mortes brutais e, em cada caso, a dinastia falha”. O mesmo resultado aconteceu com o rei Noé, que foi queimado por seu próprio povo e cuja dinastia terminou após o reinado de seu filho (Mosias 19:20).

Quanto ao disfarce, é notável que, pouco antes de ser mencionado no texto, o narrador relatou que “os olhos do povo estavam cegos” (Mosias 11:29). Isso sugere que o disfarce tipifica a incapacidade das pessoas más de discernir entre a verdade e o erro. O próprio rei Noé perguntou arrogantemente: “Quem é Abinádi, para que eu e meu povo sejamos julgados por ele, ou quem é o Senhor, para trazer sobre o meu povo tão grande aflição?” (Mosias 11:27). Embora a pergunta de Noé fosse certamente retórica, ela demonstra ironicamente sua falta de discernimento espiritual. Ele não podia discernir o Senhor ou seu servo, o profeta.

Curiosamente, a declaração de Noé é surpreendentemente semelhante ao desafio de Faraó a Moisés: “Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel?” (Êxodo 5:2). Existem outras conexões importantes com Moisés também. Foi Moisés quem revelou os dez mandamentos a Israel, e Abinádi repreendeu severamente o rei Noé e os seus sacerdotes por não ensinarem ou guardarem estes mandamentos (Mosias 13:11-26). Quando Moisés voltou da presença do Senhor, “seu rosto resplandecia, pelo que [as pessoas] temeram de

chegar-se a ele” (Êxodo 34:30). Por essa razão, Moisés “tinha posto um véu sobre o seu rosto” ao falar com os israelitas (v. 33).



O simbolismo do véu — e sua conexão com um disfarce — pode ser especialmente significativo. O rei Noé e seu povo podem não ter inicialmente identificado Abinádi como o homem que já havia pregado entre eles. Mesmo depois que o povo prendeu Abinádi, eles repetidamente se referiram a ele como “um homem” ou “este homem” ou, nas palavras do rei Noé, como um “homem” que era “louco”. O registro nunca menciona que eles o reconheceram.

No entanto, seus olhos certamente foram abertos quando o disfarce de Abinádi (qualquer que fosse sua natureza física) foi simbolicamente revelado e “seu rosto resplandecia com extraordinário brilho, como o de Moisés no monte Sinai” (Mosias 13:5). Se eles o identificaram ou não como Abinádi, o pregador, neste momento não haveria dúvida de que eles estavam lidando com o profeta Abinádi. O povo “não se atreveu a deitar-lhe as mãos”, e o próprio rei Noé ficou tão perturbado que “estava a ponto de soltá-lo, porque temia suas palavras” (Mosias 17:11). Tragicamente, os sacerdotes de Noé o persuadiram a executá-lo sabendo que ele era um verdadeiro profeta de Deus e, no processo, selaram seu próprio destino terrível.

O porquê

Séculos antes, Isaías profetizou que o Senhor “derramou sobre vós um espírito de profundo sono, e fechou os vossos olhos; vendou os profetas, e os

vossos cabeças, e os videntes” (Isaías 29:10). Ao usar um disfarce para literalmente encobrir ou obscurecer a sua identidade, Abinádi demonstrou simbolicamente a cegueira espiritual do povo — especialmente a sua incapacidade de reconhecer um verdadeiro profeta. Eles podem ter aceitado exteriormente Moisés e as leis que ele revelou, mas Abinádi declarou: “percebo que não estão escritos em vosso coração” (Mosias 13:11). Quando se tratava das coisas de Deus, eles estavam espiritualmente adormecidos.



Taylor Halverson comentou: “Para os sacerdotes de Noé que tinham Moisés em alta estima, é incrível que eles fossem insensíveis a um profeta que veio em nome do Senhor com um rosto que brilhava como Moisés. Se eles realmente seguiram Moisés, por que não estavam dispostos a seguir um profeta que parecia e ensinava como Moisés?”

De certa forma, o disfarce de Abinádi também pode ser um símbolo de Jesus Cristo e Seu ministério terreno. Para o rei Noé e seus sacerdotes, Abinádi citou profecias de que o próprio Messias seria irreconhecível para seu povo porque ele apareceria como um homem comum. Ele não teria “forma nem formosura” ou “beleza para que o desejemos” (Mosias 14:2; cf. Isaías 53:2). Em vez disso, ele seria “desprezado” porque as pessoas “não fize[ram] caso dele” (v. 3). Conforme registrado no evangelho de João, Jesus Cristo “[e]stava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu” (João 1:10, ênfase adicionada). Da mesma forma, Abinádi “voltou para o meio deles disfarçado, de modo que não o reconheceram” (Mosias 12:1, ênfase adicionada).

Hugh Nibley explicou: “Deus havia visitado a terra nos tempos antigos; ele havia falado com Abraão e Moisés. [...] Mas pedir aos homens que acreditassesem que esse mesmo Deus havia falado em seus próprios dias, e um homem simples andando por suas ruas — era simplesmente demais para aceitar! [...] Foi um teste que poucos passaram: o teste humilhante de reconhecer um verdadeiro profeta e receber instrução das coisas fracas e humildes da Terra.”

O mundo de hoje está passando por esse mesmo teste. Os verdadeiros profetas e apóstolos estão entre o povo e, no entanto, permanecem “escondidos do mundo” (D&C 86:9). Como em tempos passados, os profetas modernos podem parecer homens comuns e falar como homens comuns, mas suas chaves proféticas e ensinamentos inspirados transcendem a sabedoria e a autoridade mortais.

De todos os sacerdotes do rei Noé, apenas Alma “acreditou nas palavras que Abinádi dissera” (Mosias 17:2), e por meio dele a igreja de Deus foi estabelecida entre os nefitas (Mosias 18:17-18). Aqueles que também despertam para a influência do Espírito Santo, discernirão a voz do verdadeiro pastor falando por meio de seus profetas e apóstolos modernos (ver João 10:27). E, como Alma, aqueles que reconhecem esses verdadeiros mensageiros por quem eles realmente são, às vezes, devem “ous[ar] ficar sozinho” em defesa de seus ensinamentos.

Leitura complementar

Taylor Halverson, “Mosias 12–16. Martyr in Disguise”, The Interpreter Foundation, 11 de maio de 2016, disponível em mormoninterpreter.com.

Alan Goff, “Abinadi’s Disguise and the Fate of King Noah”, Insights 20, no. 12 (2000): p. 2.

Alan Goff, “Uncritical Theory and Thin Description: The Resistance to History”, Review of Books on the Book of Mormon 7, no. 1 (1995): pp. 170–207.



© Central do Livro de Mórmon, 2018

Notas de rodapé

1. Ver Matthew Roper, “Abinadi: Master of Disguise (Howlers #3)”, em Ether’s Cave: A Place for Book of Mormon Research, 13 jun. 2013, disponível em etherscave.blogspot.com.
2. A história de Samuel pregando do muro da cidade é outro exemplo em que um profeta teve que encontrar uma maneira incomum de alcançar as pessoas com o propósito de pregar sua mensagem (ver Helamã 13:2-4).
3. Essas histórias incluem as seguintes narrativas: (1) o rei Saul se disfarçou com o propósito de receber orientação da adivinha de Endor (1 Samuel 28), (2) um profeta se disfarçou com o propósito de condenar o rei Acabe por não executar o rei da Síria (1 Reis 20), (3) um rei israelita se disfarçou para evitar ser ferido em batalha, apenas para ser morto por um arqueiro (1 Reis 22), (4) Josias se disfarçou para encontrar um faraó egípcio (2 Crônicas 35; 2 Reis 23) e (5) a esposa de Jeroboão se disfarçou para visitar um profeta cego para ver a doença de seu filho (1 Reis 14). Para obter resumos detalhados de cada uma dessas histórias, consulte Richard Coggins, “On Kings and Disguises”, *Journal for the Study of the Old Testament* 50 (1991): pp. 56–59; Alan Goff, “Uncritical Theory and Thin Description: The Resistance to History”, *Review of Books on the Book of Mormon* 7, no. 1 (1995): pp. 194–196.
4. Coggins, “On Kings and Disguises”, p. 55.
5. Coggins, “On Kings and Disguises”, p. 55.
6. Alan Goff, “Abinadi’s Disguise and the Fate of King Noah”, *Insights* 20, no. 12 (2000): p. 2.
7. Para uma análise dos documentos de origem e das camadas narrativas desta história, ver John W. Welch, *The Legal Cases in the Book of Mormon* (Provo, UT: BYU Press and Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2008), pp. 140–145.
8. Ver Goff, “Abinadi’s Disguise and the Fate of King Noah”, p. 2 para uma discussão mais profunda sobre a cegueira simbólica.
9. Goff, “Uncritical Theory and Thin Description”, 193 fez essa conexão, observando que “o vocabulário de Abinádi invoca não apenas os confrontos entre o profeta e o rei da história deuteronomista, mas também entre Moisés e Faraó”.
10. Ver também o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Abinádi profetizou durante a festa de Pentecostes? (Mosias 13:5)”, *KnoWhy* 90 (22 de abril de 2017).
11. Para saber mais sobre esse uso do véu na Bíblia e no antigo Oriente Próximo, ver Stephen D. Ricks e Shirley S. Ricks, “‘With Her Gauzy Veil before Her Face’: The Veiling of Women in Antiquity”, em *Bountiful Harvest: Essays in Honor of S. Kent Brown*, ed. Andrew S. Skinner, D. Morgan Davis, Carl W. Griffin (Provo, UT: Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2011), pp. 347–352.
12. Ver Mosias 12:9, 13–14; 13:1.
13. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Abinádi foi flagelado com tochas? (Mosias 17:13)”, *KnoWhy*, 96 (29 de abril de 2017); Welch, *Legal Cases*, pp. 201–205.
14. Embora os detalhes específicos do disfarce de Abinádi estejam ausentes da narrativa, ele pode ter usado cinzas para cobrir o rosto. No Velho Testamento, as cinzas eram frequentemente associadas ao luto ou destruição (ver Jeremias 6:26; 25:34), e usar cinzas para obscurecer a identidade era um método de disfarce usado por um profeta em 1 Reis 20:38–41. Considerando que Abinádi estava profetizando sobre calamidade e destruição iminentes, seria simbolicamente apropriado que ele usasse cinzas como parte de seu próprio disfarce.
15. Taylor Halverson, “Mosiah 12–16. Martyr in Disguise”, The Interpreter Foundation, 11 de maio de 2016, disponível em mormoninterpreter.com.
16. Jesus era o grande Jeová do Velho Testamento, “o Deus de Israel e o Deus de toda a Terra” (3 Néfi 11:14), e ainda assim condescendeu em habitar entre os homens em um tabernáculo de carne (D&C 93:4). Em certo sentido, então, seu próprio corpo mortal pode ser visto como um disfarce ou uma cobertura de sua natureza divina.
17. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon Central, “Por que Abinádi falou do Messias sofredor? (Mosias 14:4)”, *KnoWhy* 91 (24 de abril de 2017).
18. Hugh Nibley, *The World and the Prophets*, The Collected Works of Hugh Nibley, Volume 3 (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and FARMS, 1987), p. 7.
19. Ver Boyd K. Packer, “Os Doze”, *A Liahona*, maio de 2008, disponível em lds.org.
20. Ver David A. Bednar, “Escolhidos para Prestar Testemunho de Meu Nome”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 129, disponível em lds.org: “Esses homens comuns passaram pelo mais extraordinário processo de desenvolvimento, que lhes refinou a visão, influenciou a compreensão, desenvolveram seu amor pelas pessoas de todas as nações e em quaisquer circunstâncias, e confirmou a realidade da Restauração”. Ver também, Boyd K. Packer, “The Mantle Is Far, Far Greater Than the Intellect”, *BYU Studies* 21, no. 3 (1981): pp. 1–18. Para o imperativo de despertar-se para as gloriosas verdades da Restauração, ver Dieter F. Uchtdorf, “Você Estão Dormindo Durante a Restauração?”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 59, disponível em lds.org.
21. Thomas S. Monson, “Ouse Ficar Sozinho”, *A Liahona*, novembro de 2011, pp. 60–67, disponível em: lds.org. Ver também Carol F. McConkie, “Viver de Acordo com as Palavras dos Profetas”, *A Liahona*, novembro de 2014, pp. 77–79, disponível em lds.org.